

**Vanessa**

**Nascimento Freitas**

[nasfre.vanessa@gmail.com](mailto:nasfre.vanessa@gmail.com)

**Mediação da arte ao ar livre em três perspectivas**

## Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar, brevemente, as principais questões que foram tratadas na tese de Doutoramento em Museologia intitulada “Entre o Camuflado e o Desvelado: Potencialidades da Mediação da Arte Contemporânea ao ar livre”. A investigação foi realizada no âmbito do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e finalizada em 2018. O estudo dedicou-se aos casos da Fundação de Serralves (Porto, Portugal) e do Instituto Inhotim (Brumadinho, Brasil) cujas obras expostas no Parque e nos Jardins, respetivamente, foram os principais enquadramentos para refletir sobre a mediação cultural. A partir da relação entre a arte e o meio ambiente os três pontos abordados procuram indicar as potencialidades da mediação nas perspectivas institucionais, expositivas e de experiências de visita.

## Palavras-chave

Mediação Cultural; Arte Contemporânea; Jardins; Fundação de Serralves; Instituto Inhotim.

## Nota biográfica

Vanessa Nascimento Freitas é Doutora em Museologia pelo Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Universidade do Porto (2018); Mestre em Arte - na linha de pesquisa de Poéticas Contemporâneas no Departamento de Artes da Universidade de Brasília (2013) onde concluiu, também, a graduação em Artes Plásticas (Licenciatura, 2009; Bacharelado, 2010). É professora na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (Brasil) onde atualmente compõe a equipa técnica de Educação Patrimonial (GEAPLA/SUBEB).

## Abstract

This article aims to briefly present as the main issues that were addressed in the Doctorate in Museology entitled “Between Camouflage and Unveiled: Potentialities of the Mediation of the Contemporary Art to the Free”. An investigation was carried out within the Department of Heritage Sciences and Techniques of the Faculty of Arts and Humanities, University of Porto, and completed in 2018. The study dedicated to the cases of the Serralves Foundation (Porto, Portugal) and the Inhotim Institute (Brumadinho, Brazil). Park and Gardens, respectively, were the main frameworks for reflecting on cultural mediation. From the relationship between art and the environment, the three points approached seek to indicate the potentialities of mediation in the institutional, exhibition and visiting experiences perspectives.

## Keywords

Cultural Mediation; Contemporary Art; Gardens; Serralves Foundation; Inhotim Institute.

## Biographical note

Vanessa Nascimento Freitas holds a PhD in Museology from the Department of Heritage Sciences and Techniques of the University of Porto (2018); Master in Art - Contemporary Poetics research in the Department of Arts of the University of Brasilia (2013) where he also completed the degree in Fine Arts (2009 / 2010). She is a teacher at the State Department of Education of the Federal District (Brazil) where she currently composes the technical team of Heritage Education (GEAPLA / SUBEB).

## Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar, brevemente, as principais questões que foram tratadas na tese de Doutorado em Museologia intitulada “Entre o Camuflado e o Desvelado: Potencialidades da Mediação da Arte Contemporânea ao Ar Livre” (Freitas, 2018) e realizada no Departamento de Ciências e Técnicas do Patrimônio da Universidade do Porto.

A investigação debruçou-se sobre os casos da Fundação de Serralves situada no Porto (Portugal) e do Instituto Inhotim localizado em Brumadinho (Brasil) — focando-se no conjunto de obras de arte que estão expostas no Parque e nos Jardins como espaços de mediação cultural. As diferenças e semelhanças entre esses dois casos, seja nos aspetos institucionais e socioculturais, possibilitaram a construção de um olhar investigativo interessado em perceber as potencialidades da mediação a partir do encontro entre a arte e o meio ambiente.

Os resultados da investigação são oriundos de quatro procedimentos metodológicos principais: (1) referências bibliográficas institucionais, académicas e publicações disponíveis *online* sobre o tema; (2) entrevistas semiestruturadas com os profissionais que trabalham ou trabalharam nas instituições

estudadas; (3) entrevistas semiestruturadas com os visitantes, bem como o preenchimento de um questionário estruturado em torno da experiência de visita em cada uma das instituições; (4) observação não participativa de visitas acompanhadas por mediadores juntos das obras de arte. O estudo é fundamentalmente qualitativo (Flick, 2009) de procedimentos metodológicos híbridos (Uin, 2003) e orientou-se, teoricamente, a partir das reflexões da museologia crítica e da arte-educação.

Quais são as potencialidades e as limitações da mediação da arte ao ar livre? Essa é questão orientadora da investigação. Para responder à pergunta foi necessário identificar as aproximações e os distanciamentos entre a arte e a natureza nos aspetos institucionais, expositivos e de experiência de visita a partir de três subquestões: De que maneira a organização institucional se reflete sobre os processos de mediação da arte ao ar livre? Como o posicionamento dos objetos artísticos no Parque e nos Jardins, de cada uma das instituições investigadas, influencia nos processos de mediação? Como é que as práticas de mediação podem fazer uso das potencialidades oriundas da relação entre a arte e a natureza nas experiências de visita?

Assim, identificaram-se três pontos para reflexão. O primeiro mostra como a

organização do setor educativo dentro da estrutura institucional pode criar situações de aproximação ou distanciamento entre o campo da arte contemporânea e do meio ambiente. O segundo refere-se à forma de exposição das obras ao ar livre que, a depender das características, pode refletir nas formas de se encontrar, mediar e se relacionar com a arte. As particularidades essenciais dessa exibição se referem à forma como as obras estão camufladas no Parque de Serralves e desveladas nos Jardins de Inhotim; o terceiro tópico conclusivo mostra que a experiência de visita num espaço que integra a arte e a natureza pode proporcionar vivências ligadas ao lazer e à construção de significados, sendo capaz de reorientar as práticas educativas.

Esses três tópicos serão apresentados, na sequência, a fim de criar um panorama geral das principais reflexões tratadas na investigação.

## 1. Setor educativo

A maneira como os setores educativos são organizados na arquitetura institucional, em cada um dos casos investigados, se reflete no desenvolvimento de ações e projetos dedicados às aprendizagens que envolvem a arte e o meio ambiente. Na realidade, a

arquitetura institucional não explica, por si só, os trabalhos de mediação que são desenvolvidos. No entanto, indica a disponibilidade a uma abordagem mais interdisciplinar ou especializada.

Algumas reflexões teóricas colaboraram na compreensão da educação no âmbito institucional. A identificação de culturas institucionais (Padró, 2003; Hall 1997; Semedo, 2006) é fundamental para pensar o desenvolvimento de práticas museológicas a partir do reconhecimento de que há uma tendência para reproduzir hábitos compartilhados e comuns entre os profissionais. Se é natural repetir velhos costumes e práticas viciadas, passa a ser necessário transitar para outros territórios — ainda que incertos — a fim de criar novos costumes que possam ser incorporados em práticas museológicas mais coerentes com os questionamentos do seu tempo. O novo institucionalismo (Kolb & Flückiger, 2013) como um modelo museológico contemporâneo, auxilia a repensar as estruturas e a programação cultural, afirmando o museu como espaço de produção, pesquisa e debate, numa agenda mais diversificada, independente e/ou complementar às exposições vigentes. Além disso, viragem educacional (Hoff, 2013; 2014; O'Neill & Wilson, 2010; Acaso, 2011; Mörsch, 2013)

colabora para o movimento lento e processual do campo artístico e curatorial em direção aos compromissos com a educação nos museus.

O Serviço Educativo de Serralves é composto por duas equipas que trabalham de forma paralela e relativamente independente, uma dedicada ao meio ambiente e outra à arte. Os profissionais, dedicados à arte, que têm o contacto mais direto com os visitantes possuem formação variada. Assim, pelas experiências prévias que possuem, desenvolvem trabalhos especializados a partir das competências e habilidades que lhes são próprias e de acordo com as demandas institucionais. Dessa forma, Serralves não assume um papel de formador de mediadores/as, enquanto projeto continuado, na medida em que são os próprios colaboradores que partilham entre si as informações relativas aos projetos culturais a serem desenvolvidos. A ausência de programas de capacitação para esses profissionais é refletida na forma como as obras expostas no Parque são abordadas pela equipa de arte-educação. De um modo geral, no Parque os temas relacionados ao meio ambiente aparecem nos processos de mediação nos aspetos paisagísticos, espaciais e sensoriais.

A união dos núcleos dedicados à arte-educação e à educação ambiental que compõe a Gerência de Educação em Inhotim, agrega

interdisciplinaridade às práticas de mediação. Antes dessa reestruturação organizacional, que ocorreu em 2015, as equipas de mediadores/as eram especializadas. Por essa razão, foi necessário organizar uma formação continuada que capacitasse a equipa para desenvolver ações que articulassem conteúdos relacionados com ambos os acervos. Dessa forma, para além das questões espaciais e paisagísticas relacionadas com a arte que se encontra ao ar livre, a mediação em Inhotim aborda de forma interdisciplinar os conteúdos artísticos. As especificidades das espécies botânicas e as questões ligadas ao meio ambiente fazem parte do repertório dos mediadores, dando um passo em direção a uma conceção descentralizada ao nível dos conteúdos.

As duas maneiras que estruturam os setores educativos apresentam potencialidades e limitações. Por um lado, uma relação mais aproximada permite o desenvolvimento de ações interdisciplinares e descentralizadas. Por outro, a possibilidade de ter grupos que desenvolvem trabalhos paralelos permite o aprofundamento de questões próprias das áreas. Mais do que apenas um desenho institucional, a mediação, mais ou menos descentralizada, torna-se produtiva a partir do momento em que seus processos sejam

capazes de construir saberes e experiências significativas aos participantes.

## 2. Exposição em parques e jardins

O segundo ponto analisado se relaciona com a forma como a arte habita os jardins de cada uma das instituições.

Embora Serralves não tenha surgido a partir de um programa que propusesse o desenvolvimento de exposição ao ar livre, o Parque solicitaria uma reflexão sobre os usos que seriam feitos do lugar, tanto para justificar a escolha desse espaço como para desenvolver um programa específico para ele. Após a sua consolidação, é bem verdade que a instituição não se assumiu como uma tipologia de jardim/parque de escultura enquanto forma de apresentar as obras que são expostas neste espaço. Ao nível discursivo a instituição não define o Parque a partir de uma categoria museológica específica. No entanto, o estudo de Laura Castro (2010, p.295) identifica-a na tipologia de parque de escultura<sup>1</sup>.

Ao negar, para si, a ideia de jardim ou parque de escultura opunha-se, também, ao sentido de cenário e de passividade na compreensão da paisagem como pano de fundo para a obra de arte (Dias, 2015, p.354). Contrariando a procura de neutralidade que muitos museus tentam construir nos seus espaços internos de exibição, a partir da conceção de cubo branco (O'Doherty, 2002), a apresentação das obras em Serralves parte de uma lógica oposta. As obras apresentadas estão localizadas nos jardins e procuram, de um modo geral, integrar-se na paisagem circundante. É, pois, a partir desta noção que o termo e o conceito de camuflagem (que se relaciona com a ideia de ocultar, esconder, disfarçar) estão impregnados na conceção da maioria das peças que ali se encontram. O posicionamento do primeiro Diretor Artístico de Serralves, Vicente Todolí, foi fundamental para a manutenção da identidade histórica do Parque. Na sua gestão foi consolidado o conceito de camuflagem que orientaria a forma como a arte habitaria esse espaço.

A fim de compreender melhor a exposição ao ar livre corrente no Parque de Serralves o conceito de camuflagem foi analisado através

---

<sup>1</sup> “Do ponto de vista formal e estrutural, o parque de escultura define-se pela ocupação de um território coerente, não obstante a diversidade de atmosferas que pode conter, delimitado por fronteiras perfeitamente reconhecíveis que coincidem, em geral, com propriedades historicamente constituídas e possuem entradas bem identificadas, por vezes, mais do que uma.

O território é vedado por muros, gradeamentos ou barreiras naturais. Estes aspetos garantem-lhe a aparência e a consistência de núcleos museológicos e atravessar a sua entrada equivale a penetrar num universo com uma organização e regras próprias.” (Castro, 2010 p.350).

de três categorias denominadas como isolamento, materialidade e transitoriedade. Estas dimensões enfatizam aspetos relacionados com a descoberta e a surpresa, e dão um perfil particular à experiência de visita. Tais características são potencialmente interessantes nos processos de mediação, por outro, mostram-se desafiadoras na medida em que a camuflagem cria o inesperado no encontro com os objetos artísticos. A imprevisibilidade acaba por exigir dos processos de mediação a construção de novas estratégias na abordagem de objetos frequentemente familiares para os seus visitantes habituais. Sendo um conjunto de obras em exposição permanente, a renovação e atualização na maneira como são abordadas torna-se imprescindível para a valorização desse acervo e ressignificação de experiências.

Inhotim, por sua vez, apresenta-se como um modelo distante daquele dos museus fechados e urbanos. Constitui-se como um espaço que possibilita uma vivência marcada pela relação espacial entre a arte, a natureza e a arquitetura, sendo esses elementos fundamentais na conceção da identidade institucional. Considerando as suas dimensões, é possível identificar as galerias e os pavilhões como objetos arquitetónicos expostos nos

Jardins. Dessa forma, são, ao mesmo tempo, a morada e a vizinhança das obras de arte.

Diante da imprecisão de autodefinição, e da tentativa de se distanciar da conceção de Inhotim como um museu tradicional, a ideia de “museu campos”<sup>2</sup>, de certa maneira, enfatiza a conceção alargada do espaço cultural. Adicionalmente, também é compreendido como “museu-parque” que combina a exibição da obra de arte tanto ao ar livre como também nos pavilhões e galerias circunscritas por um ambiente natural (Ribeiro, 2016, p.117).

As obras que se encontram nos Jardins de Inhotim não possuem um conceito expositivo claramente apresentado pela instituição. Fazendo um contraponto com a camuflagem, no caso de Serralves, denominou-se o conjunto exposto em Inhotim como desvelado — no sentido de evidenciar a maneira proeminente como muitas obras se relacionam com os seus espaços. Por aproximação e visando perceber as especificidades da arte que se desvela ao longo dessas paisagens, identificaram-se quatro categorias de análise: escala, uso de suportes, usufruição e integração.

Em muitos casos, as obras expostas em Inhotim desvelam-se ao visitante a partir do impacto e do convite à interação espacial e física com o

---

<sup>2</sup> Conforme entrevista com Rodrigo Moura, o então Curador do Instituto Inhotim, realizada no dia 21 novembro de 2015.

objeto artístico. Este desvelar, de certa maneira, mostra-se como um fator positivo nos processos de mediação ao evidenciar-se, muitas vezes, na paisagem, podendo suscitar um interesse prévio e predisposição à interação com as obras. No entanto, pode ser, igualmente, muito desafiador para os processos de mediação, na medida em que o deslumbramento irrefletido no encontro com a arte e com a paisagem se pode traduzir numa interação acrítica.

Independentemente de ser orientado a partir do camuflar ou do desvelar, é importante ter em mente a necessidade de construção de um olhar ampliado que permita o desenvolvimento de processos de mediação que possam pensar na obra e no lugar em que está situada — ressaltando os aspetos da paisagem, da natureza e dos seus contextos situacionais ao invés de tomar tais circunstâncias como cenários neutros.

### 3. Experiências de visita

A terceira dimensão analisada levou em consideração as especificidades institucionais dos casos estudados ao nível paisagístico que reforçam os aspetos ligados ao lazer criativo e reflexivo. Ao ar livre, isto é, fora dos enquadramentos dos edifícios museológicos,

há uma atmosfera mais descontraída na relação dos visitantes com as obras de arte, que pode ser refletida nas práticas de mediação, sobretudo quando utiliza de estratégias que usam o corpo, os movimentos e a apropriação dos espaços.

Um aspeto importante é que as visões institucionais influenciam, de certa maneira, a condução do trabalho educativo no enquadramento da arte contemporânea ao ar livre. A conceção da arte com potencial interativo e a natureza como exemplificação do belo, em conformidade com o olhar do fundador Bernardo Paz, estão refletidas nos acervos artístico e botânico do Instituto Inhotim. Em contrapartida, os discursos e as ações desenvolvidos pela Gerência de Educação de Inhotim são fundamentadas em ações experimentais e baseadas na reflexão em torno da arte contemporânea.

Por outro lado, o aspeto camuflado das obras de arte no Parque de Serralves reflete-se nos discursos institucionais, que não se evidencia na programação cultural em geral nem na rotina de trabalho desenvolvida pelo Serviço Educativo. Esse relativo isolamento pode ser resultado tanto das dinâmicas culturais do Museu de Serralves, que ofuscam esse acervo exposto permanentemente, quanto a um posicionamento institucional que coloca as obras em condição de camuflagem,

estimulando a descoberta autónoma das mesmas. Os projetos educativos com foco nas obras expostas ao ar livre têm sido ainda incipientes em Serralves, necessitando, sobretudo, da incorporação de projetos continuados para se dedicar à arte exposta no Parque.

É preciso evidenciar que tanto na Fundação de Serralves como no Instituto Inhotim, as obras de arte expostas ao ar livre não são, de forma isolada, o objeto de motivação principal que leva os visitantes a ambas as instituições — conforme dados recolhidos em campo. As qualidades paisagísticas e as áreas verdes são valorizadas nos aspetos estéticos e de lazer. Identificaram-se que os fatores vinculados ao tempo e à dimensão são condicionantes na experiência de visita à Inhotim. Em Serralves, por sua vez, se percebem os aspetos relacionados com a espontaneidade e o afeto na relação entre a arte e a natureza.

Sobre os pormenores ligados ao lazer criativo e à mediação, identificou-se uma limitação que deve ser levada em consideração no fomento de práticas de mediação. Embora se reconheça que ao ar livre a atmosfera é menos formal, percebem-se, nos casos empíricos, importantes limitações e formas de cerceamento que se refletem na experiência de visita e, conseqüentemente, nos processos de mediação. Em Inhotim tais restrições

expressaram-se por meio da definição de regras de conduta que estão expressas na entrada da instituição e que inibem hábitos típicos de jardins. De certa forma, estas diretrizes limitam a experiência de visita ao contacto com os acervos ou programação específica em vez de fomentar a instituição como espaço de convívio, lazer e de apropriação por parte dos visitantes, em contradição com o que é apresentado na sua proposta institucional. No caso de Serralves, tais limitações referem-se ao isolamento de algumas obras que estão no Parque — cuja preocupação com a sua conservação e preservação foi traduzida a partir de cercas em torno das obras. O isolamento dos objetos artísticos, no entanto, pode alterar a forma como os visitantes interagem com o acervo exposto no jardim, modificando os conceitos originais das obras de arte.

De um modo geral, as experiências com as obras de arte ao ar livre têm-se mostrado potencial na incorporação de práticas artísticas e performáticas como forma de refletir sobre, e principalmente, a partir da arte.

## Considerações finais

Ao longo deste artigo apresentaram-se as principais reflexões sobre as potencialidades

da mediação da arte ao ar livre, a partir do estudo da Fundação de Serralves e do Instituto Inhotim. Para tanto, os aspetos institucionais, expositivos e de experiência de visita foram os pontos abordados, indicando os principais resultados da investigação.

A primeira questão se refere à organização do setor educativo na arquitetura institucional cuja aproximação e o distanciamento das áreas de arte e de meio ambiente se reflete na construção das práticas de mediação. A segunda trata da exposição ao ar livre onde identificou-se que as características expositivas, seja camuflada ou desvelada, criam elementos importantes para estabelecer o encontro com a arte. Por fim, o terceiro aponta para a necessidade integrar os acervos artístico e ambiental na proposição de momentos de mediação fundamentados em processos artísticos e performáticos.

Acima de tudo, lançou-se algumas reflexões a respeito das potencialidades da mediação da arte ao ar livre não para fundar diretrizes mas, sobretudo, para indicar que o encontro entre a arte e o meio ambiente conforma um cenário rico na proposição de ações de mediação. Assim, faz-se necessário a valorização dos

aspetos ambientais, artísticos e contextuais a partir da construção de projetos continuados. Além disso, deve-se considerar que, se esses espaços de afeto convidam ao lazer, ao ócio e à contemplação, esses elementos podem ser utilizados como estratégias para construção de saberes e experiências significativas.

## Agradecimentos

Deixo aqui meus agradecimentos às minhas orientadoras do Doutorado em Museologia Alice Semedo e Elisa Noronha. Estendo meu reconhecimento ao corpo docente, discente e demais profissionais que compõe o Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

## Referências

Acaso, M. (2011), *Perspetivas: Situación Actual de La Educación en Los Museos de Artes Visuales*, Fundación Telefónica, Madrid.

Castro, L. L. d. O. (2010), *Exposições de Arte Contemporânea na Paisagem - Antecedentes, Problemáticas e Práticas*, Tese de Doutoramento em Arte, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Dias, A. M. (2015), *O Melhor Lugar é a Memória: um Estudo Sobre o Papel da Coleção nos Museus de Arte Contemporânea — Museu de Arte Contemporânea de Serralves e Museu de Arte Moderna de São Paulo*, Tese de Doutoramento em Arte, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Flick, W. (2009), *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Artmed, Porto Alegre.

Freitas, V. N. (2018), *Entre o Camuflado e o Desvelado: Potencialidades da Mediação da Arte Contemporânea ao Ar Livre*, Tese de Doutorado em Museologia, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Hall, S. (1997), *A Centralidade da Cultura: Notas Sobre as Revoluções Culturais do Nosso Tempo*. *Educação & Realidade* v. 22, nº2, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação — ANPEd, Porto Alegre, pp. 15-46.

Hoff, M. (2013), *Mediação (da Arte) e Curadoria (Educativa) na Bienal do Mercosul, ou a Arte Onde Ela "Aparentemente" Não Está*. *Revista Trama Interdisciplinar*. Recuperado em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/5543> (acedido em 20 de agosto de 2017).

Hoff, M. (2014), *A Virada Educacional nas Práticas Artísticas e Curatoriais Contemporâneas e o Contexto de Arte Brasileiro*, Dissertação de Mestrado em Arte, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Kolb, L. and G. Flückiger. (2013), *New Institutionalism Revisited*. *Oncurating Journal*. Recuperado em: <http://oncurating-journal.de/index.php/issue-21-reader/new-institutionalism-revisited.html#.Va5g5XiGVjc> (acedido em 20 de agosto de 2017).

Freitas, V. N. (2019). Mediação da arte ao ar livre em três perspectivas. In P. M. Homem, D. Silva & G. Graça (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 08, pp. 53-64). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP.

Mörsch, C. (2013), *Contradicting Oneself: Gallery Education As Critical Practice Within The Educational Turn in Curating*. In K. Kaijatuori, L. Kokkonen and N. Sternfeld. Newcastle (eds) *It's All Mediating: Outlining and Incorporating the Roles of Curating and Education in The Exhibition Context*, Cambridge scholars publishing, UK, pp. 8-19.

O'Neill, P. & M. Wilson (2010), *Curating and the Educational Turn*. Open Editions and de Appel, Amsterdam.

O'Doherty, B. (2002), *No Interior do Cubo Branco. A Ideologia do Espaço da Arte*. Martins Fontes, São Paulo.

Padró, C. (2003), "La Museología Crítica como una Forma de Reflexionar Sobre Los Museos como Zonas de Conflicto e Intercâmbio". In J.P. Lorente & D. Almazán (eds.), *Museología Crítica y Arte Contemporáneo*. Prensas Universitarias de Zaragoza, Zaragoza, pp.51-70.

Ribeiro, I. d. S. (2016), *Arquitetura de Museu-parque: Os Pavilhões Expositivos do Instituto Inhotim*, Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Semedo, A. (2006), "Práticas Narrativas na Profissão Museológica: Estratégias de Exposição de Competência e Posicionamento da Diferença". In A. Semedo & J. T. Lopes (eds.), *Museus Discurso e Representações*, Edições Afrontamentos, Porto, pp.69-93.

Uin, R. K. (2003), *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*, Bookman, Porto Alegre.